

Novela é cultura

A professora da USP diz que o gênero esculhambado pelos intelectuais é um grande produto cultural e deveria virar tema escolar

FÁBIO SANCHEZ

As opiniões sobre telenovela da professora Maria Aparecida Baccega, 52 anos, livre-docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, são de causar arrepios em seus colegas de academia. Ela não poupa elogios a um gênero geralmente visto como subproduto cultural e que serviria, pela ótica clássica da esquerda, para alienar o povo dos problemas da realidade brasileira. "As novelas educam, e algumas delas são verdadeiras obras de arte", assegura a professora, que há dezessete anos dá aulas sobre linguagem verbal nos meios de comunicação. Para Maria Aparecida, as telenovelas brasileiras põem no chinelo a literatura e a música popular produzidas no país e são o melhor cartão de visita que o Brasil pode exibir no exterior.

Na expectativa de provar seus pontos de vista, a professora coordena um projeto que desde janeiro do ano passado analisa o comportamento dos telespectadores e o conteúdo das novelas. O estudo, chamado "Ficção e realidade: a telenovela no Brasil, o Brasil na telenovela", envolve trinta pesquisadores e deve ter um custo total estimado em 700 000 reais, bancados pela USP e por fundações ligadas à pesquisa científica. O resultado só ficará pronto no final deste ano, mas a intuição de Maria Aparecida diz que o trabalho caminha para se tornar um grande perdão do meio acadêmico à telenovela.

Escaldada com as brincadeiras de seus colegas de universidade, para os quais novela é apenas diversão, e das piores, a professora cultiva surpresas gratas como a



"Quem acha que telenovela aliena está chamando o povo de débil mental. Ela sempre foi extremamente educativa"

que teve no final do ano passado. Durante um intervalo de um debate na USP, Maria Aparecida foi procurada pelo diretor da Faculdade de Química, que lhe perguntou, com um sorriso: "É verdade que você está fazendo uma pesquisa sobre novela?" "Aí vem ironia", pensou Maria Aparecida. "Eu não perco um capítulo da novela das 8", confessou-lhe o respeitável professor. Para falar de sua visão dos folhetins eletrônicos, ela deu a seguinte entrevista a VEJA:

VEJA — Novela de televisão aliena?

MARIA APARECIDA — Claro que não. Considerar a telenovela um produto cultural alienante é um tremendo preconceito da universidade. Quem acha que novela aliena está na verdade chamando o povo de débil mental. Bobagem imaginar que alguém é induzido a pensar que a vida é

um mar de rosas só por causa de um enredo açucarado. A telenovela brasileira é um produto cultural de alta qualidade técnica, e algumas delas são verdadeiras obras de arte.

VEJA — Mas, ao contrário do que acontece nas novelas, a vida nem sempre tem um final feliz.

MARIA APARECIDA — Como não? Os casamentos e as grandes festas são finais felizes em algum momento da vida das pessoas. Daí o recurso dos finais cor-de-rosa. No entanto, se você prestar atenção, verá que as novelas estão cheias de casamentos desfeitos, traições e casais que se pegam no tapa. Acho até que o número de casais separados na vida real deve ser proporcional-

mente menor ao de divorciados em novelas. Não dá para falar que as novelas são um mundo de fantasia pura e simplesmente. Quem diz isso está sendo, repito, preconceituoso.

VEJA — De onde vem esse preconceito?

MARIA APARECIDA — Das posições políticas radicalizadas pós-1964. Como a televisão muitas vezes servia de instrumento de propaganda do regime militar — era uma peça importante da chamada ideologia de segurança nacional —, boa parte dos intelectuais começou a rejeitá-la, sem dissociar o meio de comunicação em si, extremamente rico em possibilidades, do controle autoritário que se tinha sobre ele. Muitos achavam que a televisão exercia um domínio absoluto, diante do qual os cidadãos não tinham como reagir. Depois, alguns se deram conta de que isso

era balela, de que os telespectadores são críticos em relação ao que vêem. Evidentemente, essa visão equivocada teve como alvo principal a novela, justamente por se tratar de peça de resistência da programação das grandes redes. Os intelectuais não perceberam que a novela sempre foi extremamente educativa.

VEJA — *O que a senhora quer dizer com educativa?*

MARIA APARECIDA — Ela é educativa no sentido de levantar certas discussões para um público relativamente pouco informado. Na década de 70, os autores faziam isso de maneira mais sutil. Peguem-se dois exemplos de novelas exibidas em 1976, *O Casarão*, de Lauro César Muniz, e *Saramandaia*, de Dias Gomes. Essas novelas tratavam, ainda que de forma metafórica, de temas como a submissão social da mulher e a exploração econômica nos pequenos vilarejos. Nos dias atuais, sem a censura, as discussões podem ser mais abertas. Uma das últimas novelas da Globo, *A Próxima Vítima*, incluiu assuntos como homossexualidade e preconceito racial. Todos que a viam, e até mesmo muitas pessoas que não a acompanhavam, foram levados a refletir sobre esses assuntos. Aliás, acredito que a telenovela está sempre um passo à frente da sociedade. Ela vai além dos limites morais da maioria das pessoas.

VEJA — *As novelas ajudam a derrubar tabus?*

MARIA APARECIDA — Sem dúvida. Nas novelas, há personagens marginais de todo tipo, desde criminosos até representantes de minorias, que se relacionam diretamente com personagens da classe média de uma forma difícil de ser vista na realidade. Isso é muito edificante porque abre debates importantes que podem eliminar estigmas sociais enclavados no nosso dia-a-dia.

VEJA — *A senhora não acha que os autores às vezes exageram na dose? Em Explode Coração, de Glória Perez, há um travesti que dá conselhos sentimentais às vizinhas, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.*

MARIA APARECIDA — Esse travesti, a Sarita Vitti, é um personagem que existe na sociedade. Há várias pessoas como Sarita nas ruas, e não há como esconder isso das crianças. O personagem passa uma idéia agradável, de que é uma boa pessoa, apesar de grande parte da sociedade condenar quem não é heterossexual. Um personagem como esse suscita debates, e isso é muito bom. Acho que a telenovela ajudaria muito na formação das

crianças se fosse adotada pelas escolas como instrumento de trabalho, gerando discussões, redações, peças e tudo o mais. A telenovela já deveria ter entrado na sala de aula há muito tempo.

VEJA — *E o que fazer com as besteiras que são despejadas sobre o público entre uma discussão e outra?*

MARIA APARECIDA — Não dá para negar que telenovela também tem pastelão, idiótica e uma porção de coisas que poderiam ser jogadas no lixo. Mas é enorme a quantidade de debates que um capítulo pode causar. Só para ficar em *Explode Coração*: a novela fala dos usos e costumes de uma minoria — os ciganos —, do amor entre um jovem e uma mulher madura, além da própria história do travesti. Negar

“A telenovela está sempre um passo à frente da sociedade. Ela vai além dos limites morais da maioria das pessoas. Há personagens marginais de todo tipo que se relacionam diretamente com personagens da classe média de uma forma difícil de ser vista na realidade. Isso é muito edificante”

que isso seja um material fértil para estudos seria fechar os olhos para a realidade.

VEJA — *Apesar de romper limites morais, muitas vezes a novela também não reproduz preconceitos?*

MARIA APARECIDA — É verdade. E não poderia ser diferente com uma obra de ficção baseada principalmente em situações cotidianas. Mas a reprodução desses preconceitos já foi bem maior. Em *A Próxima Vítima*, já se podia ver uma família de negros da classe média e um viciado em drogas pintados de maneira simpática. Mas roteiros como esse, é certo, não são comuns. Na maioria das vezes, os negros estão fora do núcleo de personagens principais e os viciados são vistos mais como bandidos do que como vítimas. Ainda que

seja uma defensora da telenovela, acho que é preciso discutir se os valores que ela passa são os mesmos que a sociedade brasileira gostaria de ver inculcados em seus filhos. É provável que muitos não sejam.

VEJA — *Nesse sentido, a novela seria, então, muito pouco educativa?*

MARIA APARECIDA — Depende do ponto de vista. Há livros escolares, por exemplo, que discriminam minorias ou retratam situações de submissão da mulher. Muitos professores, inclusive da própria USP, com quem já tive discussões homéricas, acreditam que livros como esses têm de ser jogados fora. Acho, pelo contrário, que eles podem ser usados justamente para mostrar preconceitos e distorções. Desde que bem treinado, o professor pegaria o livro, mostraria para a criança e diria: isso aqui está errado, é um estereótipo que não corresponde à realidade. Da mesma forma, o problema não está no que a novela transmite, mas na maneira como o assunto é debatido. O que precisa mudar com a máxima urgência é essa situação em que os educadores ignoram a existência das novelas. As novelas estão aí, fazem um sucesso danado e mexem com a cabeça da moçada. Eu diria até mesmo que as novelas alienam menos que os telejornais.

VEJA — *Por quê?*

MARIA APARECIDA — Porque, ao assistir a uma novela, o telespectador sabe que se trata de ficção. Já o mesmo não acontece em relação a um telejornal. A pessoa tem certeza de que está vendo a realidade e, por isso, corre um risco maior de ser enganada. Um bom exemplo é a briga entre a Globo e a Igreja Universal do Reino de Deus. Os dois lados mostraram como as imagens de um telejornal podem ser usadas para dizer algo que não é verdade. O *Jornal Nacional*, da Globo, divulgou reportagens enormes sobre a tal da fita em que Edir Macedo aparecia mostrando dinheiro. O locutor dizia que, em determinada cena, o bispo exibiu uma nota de 100 dólares, mas depois ficou provado que a nota era de apenas 1 dólar — uma diferença que certamente não é desprezível. Da mesma forma, o programa *25ª Hora*, da Record, que pertence à Igreja Universal, fez denúncias sobre um empréstimo que a Globo teria feito na Caixa Econômica Federal, mas que não era assim tão escuso quanto eles queriam fazer crer. Um caso clássico é o do debate entre Fernando Collor de Mello e Lula, na campanha presidencial de 1989. A edição do debate que a Globo jogou no ar mostrava um Lula completamente perdido e um Collor triunfante, o que não cor-

respondia à realidade. Com a novela, isso não acontece — todo mundo sabe que aquilo é só historinha.

VEJA — *Telenovela é coisa de mulher?*

MARIA APARECIDA — Evidentemente, não. Há pesquisas que indicam um percentual um pouco maior de mulheres que assistem a telenovelas — 51% contra 49% dos homens. É uma diferença mínima, insignificante. A lengalenga de que novela é coisa de mulher é comparável ao que acontecia em relação ao folhetim, no início do século. Dizia-se que só as mulheres liam, mas pouquíssimas mulheres eram alfabetizadas naquela época. Se os folhetins faziam sucesso, é porque os homens formavam a maioria dos leitores. Acho que esse preconceito existe porque na cultura latino-americana o homem tem de esconder seus sentimentos, não pode chorar, e a novela lida com essa parte mais sensível das pessoas. Mas o preconceito contra as telenovelas não passa apenas pelo sexo. Como a novela é considerada um subproduto, as pessoas preferem dizer que foram a um concerto de música clássica a dizer que ficaram em casa vendo novela, como na verdade gostariam. A pessoa pode até ter dormido durante o concerto, mas acha que é mais chique. Uma bobagem, porque a telenovela é o grande produto cultural brasileiro.

VEJA — *Maior que a literatura e a música?*

MARIA APARECIDA — Sem dúvida. Não só pelo alcance dentro do país como em termos de repercussão internacional. Quando se pensa qual produto traz mais divisas, por exemplo, a telenovela coloca todos os outros no chinelo. O Brasil é famoso no exterior pelo samba, pela bossa nova e pelo futebol. Mas essas três coisas não mudam o estereótipo do brasileiro. Já as novelas são capazes de mostrar um grau de organização digno de país desenvolvido — deixam comendo poeira as produções da concorrente mais próxima, a Televisa mexicana. Não é à toa que o presidente Fernando Henrique Cardoso viajou recentemente para a China levando a tiracolo a atriz Lucélia Santos, protagonista de *Escrava Isaura*, que fez grande sucesso por lá. Ela quase ofuscou o presidente. Na Ásia, na Europa, na América Latina, as novelas brasileiras são sucesso garantido, embora a realidade desses países não tenha nada a ver com a nossa.

VEJA — *Embora a maioria da população brasileira seja urbana, volta e meia aparecem novelas que têm o campo como cenário. Por que essa fixação no mundo rural?*

MARIA APARECIDA — Porque os sonhos do homem urbano estão nesses lugares.

Já foram feitas pesquisas que mostram que na maioria da população urbana ainda estão presentes os valores rurais, do campo. Não desse campo que está aí, onde há posseiros invadindo fazendas, mas um campo idealizado. A urbanização é um fato relativamente recente da História brasileira — boa parte da população que vive nas grandes cidades foi criança na roça ou descende diretamente de gente que carpiu mato. Há quatro anos, coordenei uma pesquisa na Grande São Paulo, com mais de 1 000 entrevistados. Pois bem, 70% deles responderam que, caso ganhassem uma bolada na loteria, a primeira coisa que fariam seria comprar uma fazenda e ir viver no campo. O que muitos autores fazem é reproduzir esse imaginário.

“Os enlatados americanos e as telenovelas latinas são muito mais maniqueístas e levianos. Como os brasileiros estão acostumados a uma ficção televisiva de melhor nível, é raro que os programas importados repitam o sucesso obtido em seus países de origem”

VEJA — *As telenovelas brasileiras são melhores que os enlatados americanos?*

MARIA APARECIDA — Seguramente. Não só a telenovela como as minisséries e especiais. Os enlatados só ocupam uma boa fatia da programação porque saem mais barato para as emissoras — não por uma questão de qualidade. Tematicamente, os enlatados americanos e as telenovelas latinas são muito mais maniqueístas e levianos. Como os brasileiros estão acostumados a uma ficção televisiva de melhor nível, é raro que os programas importados repitam o sucesso obtido em seus países de origem. O caso da novela mexicana *Carrossel*, que teve uma formidável audiência há coisa de cinco anos, foi uma exceção — tanto que nenhuma novela mexicana conse-

guiu repetir o feito. Além de estar a anos-luz de seus similares estrangeiros, a novela nacional, mesmo quando não é um primor de criatividade, tem uma qualidade insuperável: fala de coisas que estão próximas do cotidiano do telespectador.

VEJA — *Qual o objetivo do estudo sobre a telenovela que a senhora está coordenando na universidade?*

MARIA APARECIDA — Esse estudo, que reúne professores e pesquisadores da USP, tentará medir a importância e o impacto da novela em diferentes áreas. Desde a forma como seus roteiros abordam o negro e a mulher até os efeitos do gênero na demografia brasileira. São dez temas ao todo, que contarão com pesquisas de campo junto à população. O custo do estudo deve ficar em torno de 700 000 dólares. Acredito que, no final, vamos ter de rever muitos conceitos que vigoram há muito tempo e levaram a telenovela para o banco dos réus.

VEJA — *A senhora falou em efeitos da novela na demografia brasileira. A universidade vai tentar provar que televisão quebrada é sinônimo de aumento da natalidade?*

MARIA APARECIDA — Essa piada até que poderia ser objeto de pesquisa. Só que de uns tempos para cá, dada a quantidade de cenas de sexo, as novelas estariam contribuindo para o aumento da natalidade, e não para a sua diminuição. Brincadeiras à parte, nosso objetivo é verificar como a questão do controle de natalidade é enfocada nas telenovelas e de que forma isso se reflete no comportamento da população. A nossa impressão inicial é de que os autores tratam o assunto sempre de maneira progressista.

VEJA — *A senhora assiste a novelas por prazer?*

MARIA APARECIDA — Diariamente, não. Assisto a novelas duas vezes por semana, em média. Dependendo do andar da carruagem, aumento a dose — foi o que aconteceu no período final de *A Próxima Vítima*, quando todo mundo tentava adivinhar quem era o assassino de todos aqueles personagens. A telenovela tem como característica a repetição, o que às vezes cansa um pouco. Mas isso está longe de ser um defeito. A repetição existe porque autores e diretores sabem que boa parte dos telespectadores não pode assistir aos capítulos todos os dias. Se tivesse mais tempo, veria mais novelas. Gostaria também de me deixar levar mais pelas emoções suscitadas pelos folhetins eletrônicos. Acho isso muito gostoso. ■